

# Estádios, multidões e rituais de intensidade em H. U. Gumbrecht

## *Stadiums, maneuvers and rituals of intensity in H. U. Gumbrecht*

### Gilmar Montargil

gilmarmontargil@gmail.com

Jornalista. Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). Bolsista CAPES e membro do Núcleo de Pesquisa Corporalidades do Grupo de Pesquisa Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC). ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6490-4437>. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6616781746164290>.

### Fabrizio Silveira

fabriciosilveira@terra.com.br

Jornalista. Mestre em Comunicação e Informação (UFRGS) e doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos / RS). Pós-Doutor pela School of Arts and Media (Salford University, UK). Atualmente, realiza estágio pós-doutoral – bolsa PNPD CAPES – junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9598-8052>. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8096511043948981>.

### Resumo

Centrando-se quase integralmente na leitura do livro *Crowds. The Stadium as a Ritual of Intensity*, de Hans Ulrich Gumbrecht (2021), o texto revisita aspectos da obra do autor, examinando-a num arco de desenvolvimentos, recorrências, impasses e ênfases. Por um lado, reencontra categorias tradicionais relativas à perspectiva das materialidades da comunicação; por outro, descobre atualizações importantes, que a enraízam no presente conturbado em que vivemos e renovam suas conexões com os estudos de mídia e com a sociologia das comunicações de massa.

**Palavras-chave:** Gumbrecht, massas, presença, estádios.

### Abstract

Focusing almost entirely on the book *Crowds. The Stadium as a Ritual of Intensity*, by Hans Ulrich Gumbrecht (2021), the text revisits aspects of the author's work, examining some of its developments, recurrences, impasses and emphases. On the one hand, it rediscovers traditional categories related to the perspective of the materialities of communication; on the other hand, it discovers important updates that root it in the troubled present we live in and that renew its connections with media studies and the sociology of mass communications.

**Keywords:** Gumbrecht, masses, presence, stadiums.

## 1 Considerações iniciais

Lançado originalmente na Alemanha, em 2019, e traduzido para o inglês em 2021, o livro *Crowds. The Stadium as a Ritual of Intensity* nos permite vislumbrar o desenvolvimento de aspectos centrais da obra de Hans Ulrich Gumbrecht. Amplamente reconhecido no Brasil em função de *Elogio da Beleza Atlético* (2007) e *Produção de Presença* (2010), duas de suas publicações mais importantes<sup>1</sup>, o teórico da literatura alemão se dedica

agora a pensar a constituição de um público massivo nos grandes eventos esportivos – nos estádios de futebol, prioritariamente.

Para tanto, não só passeia por conceitos sociológicos historicamente relevantes, como também relata passagens de sua vida pessoal na Alemanha, na Argentina ou no Brasil, fazendo-nos refletir sobre as tensões sócio-históricas que caracterizam cada cidade, cada povo e cada cultura, tal como se dão a ver nos estádios que visitou, esparramados ao redor do mundo. Em tempos digitais, o estádio é um dos poucos espaços que autorizam às massas um ritual capaz de produzir intensidade. Muito mais até que as manifestações políticas. É algo que só sentimos a partir da nossa presença física (“*estar ali*”) e da “mística” que envolve nosso corpo enquanto se dá a experiência de estar sentado numa arquibancada, ao lado de outros

<sup>1</sup> *Elogio da Beleza Atlético* (2007) formula uma estética dos esportes, interpreta os fascínios percebidos nas performances e nas competições esportivas. *Produção de Presença* (2010) concentra as explicações históricas e conceituais indispensáveis para o reconhecimento daquilo que Gumbrecht vem chamando, desde o final da década de 1980, de um “paradigma não hermenêutico”.

corpos, torcendo por um time, em situação de rivalidade, numa disputa direta e agonística.

É impossível atribuir a Hans Ulrich Gumbrecht (1948-) uma disciplina científica de referência, um tema ou uma identidade restrita de investigações. Seu pensamento é marcadamente multidisciplinar. Não poderia ser de outro modo em *Crowds*, livro que dá prosseguimento a debates já iniciados em *Elogio da Beleza Atlético* (2007), *Produção de Presença* (2010) ou *Nosso Amplo Presente* (2015).<sup>2</sup> Produzem-se assim, nesse percurso, vários *insights* pertinentes às áreas da Comunicação, Semiótica, História, Sociologia, Teologia, dentre outras disciplinas. O que pretendemos aqui é circunscrever alguns desses *insights*.

Atento aos problemas de seu próprio tempo, Gumbrecht acrescenta um novo prefácio à edição de língua inglesa, denominando-o “About the Present and Presence of Crowds”. O texto foi escrito dias depois da invasão do Capitólio por apoiadores do ex-presidente norte-americano Donald Trump, na primeira semana de 2021, e traz para o debate as manifestações em torno do movimento #BlackLivesMatter, que eclodiu após a morte de George Floyd, um homem negro, numa abordagem policial desastrosa, como foi amplamente noticiado a partir de maio de 2020.

Assumindo a pandemia do coronavírus como um fator que embaralha a cena no que diz respeito à compreensão dos fenômenos de massa, dado o fechamento compulsório de espaços de sociabilidade, Gumbrecht critica a maneira como a mídia hegemônica, sobretudo nos EUA, narrou os eventos recentes, utilizando-se da palavra “*mob*”, que sugere conotações pejorativas, como as de “bando” e “máfia”. De certa forma, ele diz, isso mascara problemas essenciais, que serão discutidos nos oito capítulos que constituem o livro. Expressões como “presença”, “ritual”, “mística”, “intensidade” e “atmosfera”, como veremos, ganharão destaque, tornando-se operadores conceituais da análise do autor. São categorias transportadas, em grande parte, de seus livros precedentes.

## 2 Estádios vazios e jogos fantasmas

Pode-se dizer que Gumbrecht tem verdadeira paixão por conhecer e frequentar estádios. É uma atração semelhante à dos colecionadores. Dessa forma, como se fosse

<sup>2</sup> Em três ocasiões anteriores (Silveira, 2010, 2013 e 2022) nos dedicamos a explorar o amadurecimento e o desenho geral das formulações de Gumbrecht, seja posicionando-as em meio ao repertório teórico das ciências da Comunicação, seja fazendo cotejamentos epistêmicos específicos ou avaliando-as quanto ao rendimento analítico que podem produzir a respeito de determinados objetos midiáticos.

um numismata que nos mostra, vaidoso e encantado, a própria coleção de moedas, Gumbrecht nos conduz, ao longo do capítulo “Empty Stadiums”, pela história de sua própria vida. É como se nos levasse, junto com ele, ao estádio La Bombonera, na Argentina, ao estádio Centenário, no Uruguai, dentre outros – como o Dortmund Stadium, que abriga o seu time do coração, o Borussia Dortmund.

Ao acessarmos essa narrativa biográfica, com relatos detalhados sobre suas experiências e sobre aquilo que observou em cada um dos estádios que visitou, o autor posiciona tais espaços arquitetônicos como fundamentais para entendermos o mundo contemporâneo. Ocorreria ali algo que guarda similitude com os cultos religiosos, ele argumenta. O “estádio marca a fronteira entre o interior, o ritual que acontece [ali dentro], e diferentes camadas de mundos exteriores” (Gumbrecht, 2021, p. 08 – todas as traduções serão nossas).<sup>3</sup>

À semelhança do historiador e linguista holandês Johan Huizinga ([1938] 2019), o autor aborda a impressão de “entrar num outro mundo”, fala sobre a magia que se instala ao nos tornarmos parte de um evento, seja esportivo ou religioso. Essa experiência é cheia de limiares que devem ser atravessados. São momentos ritualizados, numa ordem previsível: sentar-se na arquibancada; escutar, no sistema de som, o anúncio das equipes; receber os árbitros, vê-los entrar; esperar o time aparecer, etc. E o que diferencia o ritual do estádio dos rituais dos cultos religiosos, segundo Gumbrecht, é um único fato determinante: o primeiro se torna um “palco compacto”, que permite o abandono (de parte) de nossa existência, de nossos embaraços materiais e nosso senso de realidade. Ou seja: ao seu modo, torna-se um evento transcendental. Nosso corpo é afetado por processos de decisão, de comunhão com o destino, de ressonância emocional que, posteriormente, serão atenuados.

Dessa forma, o autor descreve não só um tipo de comportamento das massas, mas o próprio estádio como um local essencial para que o fenômeno se apresente em sua integridade e pujança. Para tanto, faz considerações sobre os *ghost games* [*Geisterpiele*], os jogos sem espectadores, sem torcida, que ocorreram no contexto da pandemia de COVID-19 e que remetem à problemática de um futuro sem espectadores. Mas como isso poderá afetar a própria ritualidade do jogo? Irá transformá-lo substancialmente? Nesse momento, abrem-se discussões sobre a violência de torcedores radicais e extremistas, como os *hooligans*, os *barra bravas* ou os *ultras*. Jogos sem espectadores, afinal de contas, seriam a solução?

<sup>3</sup> No original: “*But much more clearly than religious spaces, and in multiple ways, the stadium marks the border between inside, as a place of the ritual happening, and the different layers of outer worlds*” (Gumbrecht, 2021, p. 08).

### 3 Formas de intensidade e violência

Para a compreensão do capítulo dois, “Stadium-masses”, um título construído a partir de um neologismo lexical, é preciso lembrar que Gumbrecht é um devotado leitor de Hegel e Heidegger. Em obras anteriores já havia trabalhado, por exemplo, com a ideia de “*ser-no-mundo*”.<sup>4</sup> Em *Crowds*, o autor refina essa ideia, dando maior fundamento à noção de “ser-conjuntamente” [“*being-within*”, “*being-together*”], um modo de existência possível quando nos vemos constituídos como integrantes de uma massa, uma subjetividade diluída e circunscrita numa dada multidão [“*being in a crowd*”].

*Pertencemos a uma multidão com nossos corpos, e nela nos tornamos parte de uma relação com outros corpos, uma relação que não tem nada a ver com interesses comuns, nem com solidariedade, nem com obtenção de consensos, mas apenas com corpos. Em outras palavras: a massa é uma forma de estar-junto, uma forma de sociabilidade humana cujo elemento fundacional é o corpo (Gumbrecht, 2021, p. 14).<sup>5</sup>*

Estar na massa é uma relação de autoconsciência e contato (consentido) com outros corpos que compartilham a mesma situação de assistir ao jogo. Estar aí, *na massa*, envolvido por ela, é algo intransitivo, não depende de troca de opiniões, de permissões, de abraços ou gestos educados. Estamos simultaneamente na massa e no estádio. Isso basta. Esse é o fato. Mas como é possível uma existência dentro da multidão?<sup>6</sup>

Gumbrecht fala sobre algumas formas de intensidade que ocorrem nesses eventos. Destaca os movimentos dos jogadores, capazes de nos extasiar e capturar a nossa atenção, fixando-se em nossa memória. Além disso, outra forma de intensidade consiste em perceber que

4 “Ser é aquilo que ao mesmo tempo se revela e se oculta no acontecimento da verdade. Heidegger não deixa dúvida de que, por esse posicionamento no acontecimento da verdade, o Ser, enquanto está sendo revelado, por exemplo, numa obra de arte, não é nem espiritual nem conceitual. Ser não é um sentido. Ser pertence à dimensão das coisas”, diz Gumbrecht (2010, p. 93). É um tema filosófico recorrente em seus escritos.

5 No original: “*We belong to a crowd with our bodies, and become in it a part of a relationship to other bodies – a relationship which does not have anything to do with common interests, or with solidarity, or with consensus, but only with bodies. In other words: the mass is a form of being-together, a form of human sociability of which the foundational element is the body*” (Gumbrecht, 2021, p. 14).

6 A expressão “massa” é mais apropriada no que toca às ciências da Comunicação. É uma categoria conceitual histórica, que motiva debates fundadores. A própria correspondência entre “massa” e “multidão” já foi discutida em nossa área não poucas vezes (Coelho, 1980).

a multidão na qual estamos mergulhados também está concentrada e, de certa forma, compartilha conosco os mesmos afetos (euforia, lamento, atenção, desolação ou incredulidade). Isso ajuda, posteriormente, a fazer com que certos momentos se cristalizem, transformem-se em matéria de nossas lembranças. Gumbrecht fala sobre graus de interioridade e plenitude que possibilitam, nessa massa constituída de tantas e tantas pessoas desconhecidas entre si, diferentes modos de presença – o que passa a depender do local de onde conseguimos ver o jogo (sob certo ângulo, com boas ou más condições de visibilidade), de nosso entorno imediato, do que fizemos naquele dia, de nossa vida cotidiana e de nossa própria história pessoal, se estamos sós ou acompanhados, até mesmo se há algum amigo, parente ou conhecido jogando, “dentro das quatro linhas”. Tudo isso nos permite tecer comentários “especializados” sobre o que está ocorrendo.

Finalmente, o autor enfrenta o tema da violência. Para ele, a violência é sempre da ordem de uma potência, como se fosse uma energia latente, uma explosão prestes a acontecer, que pode tanto eclodir em momentos de alegria e júbilo quanto em ondas de pancadaria, ofensas ou agressões. Segundo o autor, o discurso da alegria nunca foi sintetizado pelas massas. Mas é pela tradição cristã que Gumbrecht reintroduz a noção de “corpos místicos”, como se nosso corpo produzisse e, ao mesmo tempo, se preenchesse de uma dada “mística” enquanto estamos absorvidos nesse outro universo que são os jogos nos estádios.

### 4 Habitar a multidão – copresença e perda dos sentidos

No terceiro capítulo, “The Contempt for the Masses”, Gumbrecht revisita teóricos como Gustave Le Bon, Ortega y Gasset, Elias Canetti e, além deles, a filósofa norte-americana Judith Butler. Faz um arrazoado teórico-monográfico em torno da noção de “massa”, suas variações e suas tantas caracterizações. É um capítulo importante, ressoando a fundação histórica das Teorias da Comunicação e de nossa própria área enquanto espaço institucional formalmente reconhecido.

Desde a introdução, o autor já indicava Le Bon como aquele que melhor expressou a configuração das massas no clássico *Psicologia das Multidões*<sup>7</sup>, de 1895. Apesar das massas serem lidas como agentes que destroem instituições e tradições – o vetor de uma pulsão disruptiva e perigosa –, o maior valor da obra de Le Bon, para Gumbrecht, teria sido o de ressaltar a emergência de uma

7 Em algumas traduções aparece como *Psicologia das Massas*.

individualidade atravessada pelo “estar na massa”, como se energias subconscientes aflorassem [*Massenmensch*], resultando (1) numa certa ausência de inteligência (ou seja, não nos diferenciamos mais uns dos outros), (2) num encorajamento para fazer coisas que, em situações normais, não poderíamos fazer, soltar os impulsos mais irresponsáveis, por exemplo, (3) numa contaminação pelo comportamento da multidão e (4) pelo desejo de ser controlado e conduzido por um “líder” (ou, muitas vezes, por um Deus).

Gumbrecht faz críticas ao uso que Sigmund Freud fez da teoria de Le Bon, que teria menosprezado o papel do inconsciente, como se as massas *determinassem* os modos de ser na multidão. Isso também se prolongou no pensamento do filósofo espanhol Ortega y Gasset, em *Rebelião das Massas* ([1929] 1987), que, segundo Gumbrecht, reforçou a ideia de que estar na massa garante “bem-estar”, “autossatisfação” e “segurança”. Ortega y Gasset cunha termos como “menino mimado” (“*niño mimado*”) e “senhorzinho satisfeito” (“*señorito satisfecho*”). Com eles, indica, no fascismo vigente em sua época, essas características de “exigir favores” e de “fazer exigências”, que o fato de estar compactado numa aglomeração massiva autorizava. Ortega y Gasset tem em mente, é claro, as massas burguesas e suas demandas.

Já em relação ao escritor do pós-guerra Elias Canetti, Gumbrecht enaltece a importância da obra *Massa e Poder* ([1960] 2019). Não se acanha, porém, em dizer que Canetti não avança muito no que se refere à discussão que Le Bon havia introduzido no final do século XIX, reduzindo-se o livro a uma tipologia das massas (“cristal de massas”, “massas de proibição”, “massas de reversão”, entre outras concepções apresentadas).

Sem ser avesso ao debate sobre o consumo das massas, sobretudo como tematizado (e como foi dado a conhecer, amplamente) por Adorno e Horkheimer, Gumbrecht inicia um diálogo com o filósofo alemão Peter Sloterdijk, na tentativa de responder à seguinte questão: “qual a diferença entre uma reunião em massa de indivíduos presentes em determinada realidade e uma multidão construída pela mídia, por exemplo, telespectadores de televisão?”. Para o autor, a solução dada por Sloterdijk, baseando-se nas ideias de igualdade e onipresença (falando-nos sobre um campo marcado por *indiferenças* [“sem diferenças”, como ele diz]), não é suficiente.

Após algumas críticas ao modo como as Ciências Sociais leem e interpretam as massas, Gumbrecht encontra na ideia de *copresença*, de Judith Butler, em *Notes Toward a Performative Theory of Assembly* (2015), um argumento poderoso. Butler “[...] enfatizou a tese – convincente, penso eu – de que a presença física dos corpos no espaço culmina politicamente no direito de ter direitos

em primeiro lugar, algo que não pode ser justificado na abstração” (Gumbrecht, 2021, p. 41-42).<sup>8</sup> Nesse caminho, o estádio pode ser visto como um espaço público (e político) por excelência.

Gumbrecht finaliza o capítulo num retorno ao pensamento de Friedrich Nietzsche: lembra que as tragédias gregas opunham a arte, o vinho, o prazer e o desejo (representados na figura de Dionísio) à civilização e às leis (expressas na figura de Apolo). É justamente essa dimensão do prazer e do desejo, algo muito semelhante ao inebriamento, à “perda dos sentidos”, que Gumbrecht reintroduz para compreender os comportamentos das massas nos estádios. Ele comenta: “[...] o que os torna extraordinários é seu *status* como rituais de presença em um ambiente que quase sistematicamente acaba com [...]”<sup>9</sup> qualquer mística dionisíaca (Gumbrecht, 2021, p. 44). As tecnologias digitais e o distanciamento social são elementos que ajudam na desmaterialização de qualquer componente místico.

## 5 Mística e política: dimensões da presença

Em seguida, no capítulo quatro, “Masses of the Past”, Gumbrecht redireciona nosso olhar. Das massas como instâncias de resistência e mudança, no marco das revoluções burguesas, saltamos para uma conjuntura histórica mais ampla, transcorrendo desde os tempos bíblicos do judaísmo-cristão. A referência estabelecida por um líder, como Moisés, como Deus ou como Jesus, ganha importância para conduzir e orientar o público em aglomeração. A cena em que Pôncio Pilatos decide crucificar Jesus para atender o “desejo de violência das massas” emblematiza muito bem essa dinâmica. Gumbrecht identifica aí um potencial de violência, de criar ou destruir ídolos, mas também uma capacidade de se unir em torno deles, apesar de suas contradições e de inúmeros outros aspectos contextuais heterogêneos. O “[...] ‘povo’ ascendeu à posição de – potencial – agente da história, ou mais precisamente: eles encarnaram uma esperança infinita e uma ameaça infinita e não assumiram realmente o papel de um verdadeiro agente em tudo” (Gumbrecht, 2021, p. 52).<sup>10</sup>

8 No original: “[...] she emphasized the thesis – a convincing one, I think – that the physical presence of bodies in space culminates politically in the right to have rights in the first place, something which cannot be justified in abstraction” (Gumbrecht, 2021, p. 41-42).

9 No original: “[...] what makes them extraordinary today is their status as rituals of presence in an environment that has almost systematically done away with such things” (Gumbrecht, 2021, p. 44).

10 No original: “As a crowd without a visible or invisible leader, ‘the people’ rose to the position of the – potential – agent of history, or more precisely: They embodied both an infinite hope and an infinite



Após analisar a Revolução Gloriosa e a Revolta do Chá como motriz da Revolução Americana, Gumbrecht se ancora na noção de “proletário”, trazida pelo pensamento marxista, para explicar a formação do sujeito moderno a partir do século XIX. Há, portanto, uma diferenciação entre essa massa amorfa que se constituiu no bojo dos eventos históricos e uma nova especificidade criada com pessoas ativas e engajadas com a *práxis* histórica de seus meios sociais (de sua classe e profissão). Assim, essa heterogeneidade das massas se perde e se torna cada vez mais identificável com certas características, inclusive político-ideológicas.

A partir da Primavera Árabe e da Revolução Ucraniana, em 2014, Gumbrecht exemplifica como esses processos de organização das massas – mesmo que organizadas pelas redes digitais – perdem, posteriormente, o efeito político, como se fossem absorvidas e apagadas pelo próprio processo histórico que as possibilitou.

Mas a questão principal é a recuperação que o autor faz de um aspecto essencial das massas: o fato de promover o “ser-espectador”, muito semelhante ao estar em um estádio. Para Gumbrecht, as transmissões de jogos pela televisão, que iniciam com os Jogos Olímpicos de 1936, promoveram outra forma de experienciar os jogos, sem afetar a popularidade e a economia dos estádios. O autor diz que o estádio é o lugar central para rituais de presença num mundo contemporâneo de ausências mediadas digitalmente. O espaço digital aumentaria a intensidade dos estádios e suas multidões. O autor reforça – mesmo com o alheamento confortável dos espaços VIPs – que as massas se caracterizam por confronto e inclusão, e não por exclusão ou segmentação. “As massas mais se realizam não na política, mas sim no estádio” (Gumbrecht, 2021, p. 60).<sup>11</sup>

Em *Produção de Presença* (2010), Gumbrecht já havia introduzido três dimensões para pensarmos a presença: a dimensão vertical (*estar ali*), a dimensão horizontal (*ser visto*) e uma dimensão de retirada, chamada apenas de terceira dimensão. Em *Crowds*, Gumbrecht pensa as massas a partir, também, de três dimensões: uma, *lateral* (o reconhecimento da relação do meu corpo com outros corpos), outra, *transitiva* (a atenção voltada para o centro/conteúdo do estádio, aquilo que nos prende a atenção) e, por fim, uma terceira, uma dimensão *vertical*, que o autor explica como sendo um condicionante afetivo: “[...] a ativação das potencialidades afetivas especiais que não experimentamos em parte alguma de nossa existência

mundana, exceto quando estamos no meio de uma multidão” (Gumbrecht, 2021, p. 64).<sup>12</sup>

## 6. Lateralidade e verticalidade, intensidade e ritmo

No entanto, no capítulo cinco, o autor discute a *lateralidade* [*laterally*] das massas a partir de três entradas teóricas: a teoria do enxame; a descoberta do neurônio-espelho e pesquisas etológicas atuais sobre os primatas. Entre as principais similaridades com os enxames, as massas podem ser entendidas como estruturas coletivas que têm inteligência de movimento e senso de autopreservação. Num enxame de abelhas, por exemplo, elas são atraídas pela concentração localizada de seus semelhantes e pelo que há no centro (a rainha, no caso), evitando que uma colida com a outra [*stigmery*] – um tipo de força autônoma, sem comando definido. Diz Gumbrecht: “[...] por trás da latência das massas está, provavelmente, a latência de um movimento de enxame reprimido” (Gumbrecht, 2021, p. 67).<sup>13</sup>

Quanto aos neurônios-espelho, um tipo de neurônio descoberto em primatas e que são ativados em determinadas situações, Gumbrecht discorre sobre a possibilidade de ativar esses neurônios nos momentos de intensidade que temos ao assistir a um jogo, de nos sentirmos copresentes com outros corpos. Salta então para discussões de caráter biológico sobre reações neurais e fisiológicas do nosso corpo. Ao estudar os primatas, vislumbramos outros modos de existência, certa proximidade com os enxames, bandos onde há iniciadores e incitadores, além da ativação de certa habilidade mimética na cópia de movimentos. É como se Gumbrecht quisesse conferir um tom “científico” à mística e à atmosfera que descreve acerca dos estádios.

Cabe ainda ressaltar que o próprio estádio interfere nas relações laterais e condiciona um tipo de comportamento (para onde olhar?; junto com quem?; em que momento?; a que distância?). E essa arquitetônica, sem dúvida, influencia na energia que se pode obter naquele ritual de imersão. É algo que não depende de uma impressão sobre a “beleza” do estádio, sobre o quanto é “esplendoroso”, por exemplo, mas que decorre da história do estádio e até mesmo de seu eventual inacabamento, de sua precariedade ou de sua assimetria estrutural.

No capítulo seis, Gumbrecht vai ainda mais longe ao tentar esclarecer a “mística” envolvida. Trata da

threat and did not really take on the role of a real agent at all” (Gumbrecht, 2021, p. 52).

11 No original: “The crowd is most fully actualized not in politics, but in the stadium” (Gumbrecht, 2020, p. 60).

12 No original: “[...] the activation of those special affective potentialities that we do not experience anywhere in our mundane existence except when we are in a crowd” (Gumbrecht, 2021, p. 64).

13 No original: “[...] behind the latency of masses is, most likely, the latency of a pent-up swarm movement” (Gumbrecht, 2021, p. 67).

*verticalidade* [vertically], uma mística decorrente do pensamento cristão e que compreende as relações com o mundo a partir da mediação produzida entre os corpos. É através de comer o pão e beber o vinho (o corpo e o sangue de Cristo, como bem sabemos) que se incorpora o sentimento da presença sagrada do real. Assim, o autor vê as massas nos estádios como rituais de presença a partir da introdução das noções de *intensidade* e de *ritmo*, como se trouxesse à frente, novamente, as discussões sobre as materialidades. Isto é, como se abordasse, outra vez, a crítica da exclusão da dimensão material na relação com os objetos e as coisas do mundo.

É preciso lembrar que o pensamento gumbrechtiano considera perspectivas que estão “para além” da significação, fora da dimensão do sentido e da linguagem. Dessa forma, parece fecundo que o autor tenha se fixado em Gilles Deleuze para descrever – através da ideia de “corpo sem órgãos” – uma massa capaz de ser afetada por diversos tipos de intensidade e sem estrutura definida.

Para Gumbrecht, todo jogo reflete uma dicotomia entre *entropia* (abertura sem fim, onde tudo pode acontecer) e *neguentropia* (ponto final, onde nada mais pode acontecer). O autor se pergunta: como os movimentos e processos de intensidade se transferem para uma multidão de espectadores no estádio? E, para responder, elenca três aspectos: (1) o desejo de movimento dos indivíduos, um desejo que tem um potencial intrínseco de violência e escalada indefinidas; (2) uma percepção transitiva de certos momentos, aquele tipo de impressão que nos faz reparar que as pessoas ao nosso lado sentem o que sentimos, fazendo com que possamos até abraçar desconhecidos durante a comemoração, após um gol; (3) o desenrolar dramático da partida, capaz de gerar energia e grandes momentos de euforia.

Mas há também o *ritmo*. E o ritmo, para Gumbrecht, possui algumas funções: a de ser um aglutinador das massas (antes e após o jogo, quando o ritmo se dispersa, depois de ter se acentuado); de ajudar no reavivamento da memória e de grandes momentos vividos no estádio (vídeos exibidos nos telões podem ajudar, assim como cantos e gritos). No entanto, Gumbrecht quer enquadrar o ritmo como um elemento capaz de tornar os objetos “tangivelmente presentes” nas experiências do espectador. A partir dos estudos de George Herbert Mead, lembra que o sistema neural do *homo sapiens* foi desenvolvido para estabelecer a relação entre os ruídos e as imagens, ou melhor, estabelecer a relação entre um som, um ruído, um rugido de um animal e uma presença determinada (um risco determinado, dito mais claramente).

## 7 Um sujeito coletivo, suas pulsações e seus espaços rituais

Logo em seguida, no capítulo sete, intitulado “The Stadium as Ritual of the Crowds”, Gumbrecht repensa a própria afirmação de que “as massas encontram sua expressão no estádio”. O autor critica duas formas analíticas de se entender as massas. A primeira tem total desprezo por elas. A segunda promove uma “heroicização” das massas, entendendo-as como agentes efetivos da história. Essas duas formas podem receber uma valência positiva, que enaltece um *status* de superioridade, através da ideia de um “sujeito coletivo heroico”. E podem receber, paradoxalmente, uma valoração negativa, com o menosprezo da inteligência individual dos sujeitos.

Gumbrecht, porém, diz estar interessado em revelar e discutir, nas massas, “[...] a ambivalência entre suas conhecidas tendências violentas e a possibilidade de, uma vez dentro delas, ganharmos acesso a uma intensidade de outra forma inacessível, que pode levar à exaltação” (Gumbrecht, 2021, p. 95).<sup>14</sup> O autor compreende que o estádio não é um elemento inerente para a expressão (ou expressão máxima) das massas. Ela pode acontecer em diversos espaços sociais. Porém, dada a situação que o estádio propicia, torna-se um objeto de valor exponencial para compreendê-la.

Dando continuidade às discussões de *Produção de Presença* (2010), Gumbrecht pensa as massas como um típico fenômeno de presença. Um parêntese: na obra gumbrechtiana, encontramos repetidas vezes essa definição.

*A palavra “presença” não se refere (pelo menos, não principalmente) a uma relação temporal. Antes, refere-se a uma relação espacial com o mundo e seus objetos. Uma coisa “presente” deve ser tangível por mãos humanas – o que implica, inversamente, que pode ter impacto imediato em corpos humanos. Assim, uso “produção” no sentido da sua raiz etimológica (do latim **producere**), que se refere ao ato de “trazer para diante” um objeto no espaço (Gumbrecht, 2010, p. 13).*

Ou:

*As coisas podem ser “presentes” ou “ausentes”, e, se nos forem presentes, estarão mais próximas ou mais distantes do nosso corpo. Assim, ao chamá-las de presentes, no sentido original do latim **prae-esse**, estamos afirmando*

<sup>14</sup> No original: “[...] the ambivalence between its well-known violent tendencies and the possibility that within it we have access to an otherwise inaccessible intensity, one which can lead to elation” (Gumbrecht, 2021, p. 95).

*que as coisas estão “à frente” de nós e são, por isso, tangíveis (Gumbrecht, 2015, p. 22).*

Logo, dois pontos são importantes: a própria materialidade das massas como fator de produção de sentido e – fortemente influenciada por Heidegger – essa dimensão de presença como um elemento que reside fora da linguagem. Isso permite que Gumbrecht empreenda uma interpretação das massas nos eventos que ocorrem em estádios enquanto rituais, repletos de coreografias, etapas, momentos – dependentes, inclusive, da lógica interna do jogo e da arquitetura do estádio que o recebe –, interpelando-nos em diversas formas de intensidade, com distintas experiências e modos de distanciamento.

Nesse caminho, alega-se que, ao início de um jogo, o estádio está permeado por um duplo suspense, que o divide em duas zonas e suas energias correspondentes. Isso ocorre porque existe uma relação de rivalidade entre dois times em campo e duas torcidas nas arquibancadas. Diferentemente de Clifford Geertz, em *Interpretação das Culturas* (1989), que compreende, numa tribo balinesa, uma relação inseparável entre os espectadores e os galos de uma rinha, como se fossem uma coisa só, uma entidade única, Gumbrecht observa (e enaltece) um processo em que os sujeitos reconhecem as próprias corporalidades, imbuídos, porém, de uma mística e definidos numa dependência com a corporificação do time pelo qual torcem. Há, portanto, uma tensão que se dá entre essas zonas rivais e, inclusive, uma tensão com o árbitro – um tipo de “corpo estranho” que pode atrapalhar o progresso de um time ou de outro. Mas, no estádio, outros tensionamentos ganham forma, pois “[...] o estádio torna visíveis as tensões das cidades e de todas as suas histórias, e as comprime, as endurece” (Gumbrecht, 2021, p. 98).<sup>15</sup>

O autor consegue associar, desse modo, os fatores sociais, históricos, políticos, econômicos e culturais que orbitam o estádio com a materialidade do jogo *em si* (o momento da partida). E faz isso, empiricamente, a partir da análise da rivalidade entre Inter de Milão e Milan, que poderíamos traduzir para o contexto brasileiro como equivalente à histórica rivalidade entre Internacional e Grêmio, na conjuntura social de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, bem como entre Cruzeiro e Atlético Mineiro, na ocupação da cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais.

Essas diferentes “atmosfera”, que cada tipo de jogo propicia, interpelam as corporalidades dos espectadores. Porém, não é porque um jogo é mais agressivo – como o *hockey* ou o futebol americano – que as torcidas serão

automática e proporcionalmente mais agressivas. Para Gumbrecht, os jogos “[...] desencadeiam os movimentos de intensidade através dos quais nós espectadores nos deixamos transportar, movimentos de abertura ou irreversibilidade, carregados de energia física reprimida e compostos por imagens transfiguradas na nossa percepção” (Gumbrecht, 2021, p. 103).<sup>16</sup>

Essa mística e essas intensidades, no entanto, não duram para sempre. Segundo Huizinga (2019), uma das características de um jogo é ser delimitado espacotemporalmente. Logo, a tristeza de uma derrota e a felicidade de uma vitória, mesmo que impossíveis de serem comparadas, vão, aos poucos, desaparecendo. Gumbrecht (2021) assume que o final de uma partida, quando os jogadores se aproximam da arquibancada para se despedir, é o único momento em que se dá a unicidade entre time e torcida. Progressivamente, as pessoas vão retornando à realidade das “vidas reais” que abandonaram quando se deixaram perder na mística do jogo.

O estádio, como um lugar que propicia o ritual das massas, acaba compreendido historicamente do ponto de vista da paixão e do fascínio. Gumbrecht faz uma diferenciação entre o espectador e o torcedor, porque nem todo evento esportivo tem a mesma potência de produzir sempre, no mesmo nível, para todos, de forma estável, regular e homogênea, tal “atmosfera da intensidade”. O autor se pergunta: “devemos supor que o desenvolvimento progressivo da individualidade como norma existencial nas sociedades ocidentais tornou a coletividade cada vez mais atraente?” (Gumbrecht, 2021, p. 105).<sup>17</sup>

Entende, por fim, o fenômeno contemporâneo das torcidas, na relação com os esportes coletivos, sublinhando dois pontos: o primeiro é a rivalidade dual – algo que se dilui com esportes individuais, nos quais existem vários oponentes (e não a tensão de duas forças em oposição direta); o segundo ponto se refere à própria concentração que nos induz a reparar num único jogador e apenas em seus movimentos, dispensando-nos de observar as jogadas e as ações combinadas, em simultaneidade, em processos tanto criativos quanto destrutivos.

E o que poderíamos perder sem estádios lotados? Para ele, nos faltaria a euforia física que estar num estádio nos propicia, a sensação de “habitar o tumulto”. Mesmo que o aspecto da violência seja solucionado com essa possível

16 No original: “Above all, the different processes and dramas of individual games trigger the movements of intensity we spectators let ourselves be carried by, movements of openness or irreversibility, loaded with pent-up physical energy and composed of transfigured images in our perception” (Gumbrecht, 2021, p. 103).

17 No original: “Should we assume that the progressive development of individuality as the existential norm in Western societies has made collectivity increasingly appealing?” (Gumbrecht, 2021, p. 105).

15 No original: “[...] because the stadium makes visible the tensions of the cities and all of their stories, and compresses them, hardens them” (Gumbrecht, 2021, p. 98).

ausência, sem a presença física das massas vibrando, sem sua ruidosa pulsação, o próprio jogo sofreria uma severa descaracterização na sua forma e na sua estética – porque os times e suas estrelas, afinal de contas, são motivados a jogar por uma causa muito maior, uma causa que os transcende, que é o próprio espírito de constituir uma equipe, pertencer a uma coletividade projetada, e não pelo respeito às determinações táticas do treinador, por ocupar os holofotes midiáticos no papel eventual de um vencedor ou, simplesmente, por suas robustas contas bancárias.

## 8 Considerações finais

O que procuramos fazer aqui, extrapolando a extensão regular e os propósitos convencionais de uma resenha (muito embora, de fato, a primeira versão deste texto tenha sido uma resenha), foi uma leitura detalhada, tão aproximada quanto possível, de uma das últimas publicações de Hans Ulrich Gumbrecht. Dada a centralidade e o trânsito do autor no campo de pesquisas em Comunicação, pareceu-nos importante tentar lê-lo com cuidado, examinando como certos aspectos de seu trabalho são retomados, revistos, reverberam ou são refeitos. *Crowds. The Stadium as a Ritual of Intensity* (2021) ensejou, portanto, uma ótima oportunidade para tentarmos realizar, a despeito de nossas limitações, uma dupla leitura: pontuada e perspectivada, descritiva e avaliativa, *internalista* e capaz de sugerir projeções, desenvolvimentos mais amplos, percebidos entre uma publicação e outra (acompanhando-se então as diversas expressões e as diversas etapas do pensamento do autor).

Dois outros motivos, para finalizar, devem ser mencionados. Primeiro, a atualidade do livro, revigorada na edição norte-americana. As temáticas usuais de Gumbrecht se veem aqui *impactadas* – em alguma medida, ao menos – por acontecimentos sociais recentes (a pandemia de COVID-19 e as exigências de isolamento social, o movimento #BlackLivesMatter e os arranjos de última hora das transmissões midiáticas). Colocam-se, desse modo, *em aberto*, a reivindicar, mais do que nunca, novas e sucessivas testagens, novas e sucessivas reformulações. *Crowds* pode ser lido como um adendo e um ponto de interrogação. Um complemento a *Elogio da Beleza Atlética* (2007). É uma espécie de *recall*.

Segundo, o fato de que emerge, agora – muito embora as mediações técnicas continuem sem receber o protagonismo que merecem –, uma perspectiva comunicacional inegável e até então inédita, no que diz respeito ao quadro mais reconhecido de preocupações do autor: a concepção de “massa” – bem como de suas variações: “aglomeração”, “multidão” e “público massivo” –, um

interesse histórico, fulcral e estruturante, diríamos, da clássica sociologia das comunicações de massa, passa a ganhar peso. É uma nova frente de debates. É uma inflexão sugestiva.

Como vemos, são motivos altamente pertinentes ao campo de estudos das mídias. Nosso exercício de leitura terá valido a pena caso inspire novas releituras, interpretações renovadas do autor, feitas em nova chave exegética, ou caso estimule investidas empíricas que venham confrontá-lo, acumulando evidências que permitam projetar suas especulações e suas hipóteses – sempre atraentes, sempre refinadas – num patamar de maior aprimoramento e solidez.

## Referências

- BUTLER, J. 2015. *Notes Toward a Performative Theory of Assembly*. Cambridge, London, Harvard University Press.
- CANETTI, E. 2019. *Massa e Poder*. Rio de Janeiro, Cia. das Letras [1960].
- COELHO, T. 1980. *O que é Indústria Cultural*. São Paulo, Brasiliense.
- GEERTZ, C. 1989. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, LCT.
- GUMBRECHT, H. U. 2021. *Crowds: The Stadium as a Ritual of Intensity*. Stanford, California, Stanford University Press.
- GUMBRECHT, H. U. 2015. *Nosso Amplo Presente: o Tempo e a Cultura Contemporânea*. São Paulo, Editora Unesp.
- GUMBRECHT, H. U. 2010. *Produção de Presença: o que o Sentido não Consegue Transmitir*. Rio de Janeiro, Contraponto, Ed. PUC-Rio.
- GUMBRECHT, H. U. 2007. *Elogio da Beleza Atlética*. São Paulo, Companhia das Letras.
- GUMBRECHT, H. U. 1998. O Campo não Hermenêutico ou a Materialidade da Comunicação. In: H. U. GUMBRECHT, *Corpo e Forma*. Rio de Janeiro, EDUERJ, p. 137-152.
- HUIZINGA, J. 2019. *Homo Ludens: o Jogo como Elemento da Cultura*. São Paulo, Perspectiva [1938].
- LE BON, G. 2019. *Psicologia das Multidões*. São Paulo, Martins Fontes [1895].
- ORTEGA Y GASSET, J. 1987. *A Rebelião das Massas*. São Paulo, Martins Fontes [1929].
- PFEIFFER, K. L. 1994. The Materiality of Communication. In: H. U. GUMBRECHT; K. L. PFEIFFER (ed.), *Materialities of Communication*. Stanford, California, Stanford University Press, p. 1-14.
- SILVEIRA, F. 2010. Além da Atribuição de Sentido. *Verso e Reverso*, São Leopoldo / RS, **XXIV**(57):183-186, set.-dez.
- SILVEIRA, F. 2013. *Rupturas Instáveis: Entrar e Sair da Música Pop*. Porto Alegre, Libretos.
- SILVEIRA, F. 2022. “Uma Reserva de Mundo”: as Materialidades da Comunicação no Projeto da Semiótica Crítica. *Intexto*, Porto Alegre, RS, 54:1-15.

Artigo submetido em 27/06/2022  
Aceito em 07/09/2022